

# Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de  
História e do Programa de Pós-Graduação em  
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá  
Brasil

Bertonha, João Fábio  
COERÇÃO, CONSENSO E RESISTÊNCIA NUM ESTADO AUTORITÁRIO: O CASO DA ITÁLIA  
FASCISTA  
Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.  
12, núm. 1, 2008, pp. 141-163  
Universidade Estadual de Maringá  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526871007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## COERÇÃO, CONSENSO E RESISTÊNCIA NUM ESTADO AUTORITÁRIO: O CASO DA ITÁLIA FASCISTA\*

*João Fábio Bertonha\*\**

---

**Resumo.** O objetivo central deste artigo é discutir o tema da coerção e do consenso dentro da história da Itália fascista, entre 1922 e 1942. Apresentar-se-á o sistema de dominação montado pelo fascismo, incluindo seus elaborados mecanismos de repressão e propaganda. O objetivo não é apenas elucidar como funcionavam esses mecanismos, mas também entender como o regime procurou utilizá-los para aumentar a sua base de apoio dentro da sociedade e seus resultados. Posto isso será discutida a questão do “consenso” fascista dentro da sociedade italiana durante o período entreguerras, procurando entender até que ponto a sociedade italiana legitimou e apoiou o fascismo e como e se este conseguiu efetivamente manter e ampliar a sua base de apoio na sociedade durante os vinte anos em que esteve no poder.

**Palavras chave:** Itália; fascismo; coerção; consenso; propaganda; repressão.

## COERCION, CONSENSUS AND RESISTANCE IN AN AUTHORITARIAN STATE: THE CASE OF FASCIST ITALY

**Abstract.** The main objective of this article is to discuss the themes of coercion and consensus within the history of Fascist Italy, between 1922 and 1942. The study will present the system of domination set up by Fascism, including its elaborate mechanisms of repression and propaganda. The objective is not only to elucidate how these mechanisms worked, but rather to understand how the regime sought to utilize them in order to increase their support base in society and its results. Thus, the article will discuss the question of the Fascist “consensus” within Italian society between the world wars, aiming to understand to which extent Italian society legitimized and supported Fascism, and how (or whether) this movement was able to actually maintain and expand its support base in society during the twenty years it remained in power.

---

\* Artigo recebido em 8/1/2008 e aprovado em 8/4/2008.

\*\* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e pesquisador do CNPq.

**Keywords:** Italy ; fascism ; coercion ; consensus ; propaganda ; repression.

## COERCIÓN, CONSENSO Y RESISTENCIA EN UN ESTADO AUTORITARIO: EL CASO DE LA ITALIA FASCISTA

**Resumen.** El objetivo central de este artículo es discutir el tema de la coerción y del consenso en el marco de la historia de la Italia fascista, entre 1922 y 1941. Será presentado el sistema de dominación montado por el fascismo, incluyendo sus elaborados mecanismos de represión y propaganda. El objetivo no abarca sólo elucidar el cómo funcionaban esos mecanismos, sino que también contempla entender cómo el régimen trató de utilizarlos para aumentar su base de apoyo dentro de la sociedad y sus resultados. Luego será discutida la cuestión del “consenso” fascista en la sociedad italiana durante el período de entreguerras, buscando entender hasta qué punto la sociedad italiana legitimó y apoyó el fascismo, y ver cómo y si éste consiguió efectivamente mantener y ampliar su base de apoyo en la sociedad durante los veinte años en que estuvo en el poder.

**Palabras Clave:** Italia; fascismo; coerción; consenso; propaganda; represión.

---

### INTRODUÇÃO

Durante os vinte anos em que o regime fascista esteve no poder na Itália foi feito todo um esforço para demonstrar a adesão plena e absoluta a ele por parte dos italianos. Segundo os ideólogos fascistas, o fascismo seria a cristalização e a realização plena dos valores e desejos do povo e da nacionalidade italiana, portanto, nada mais natural que todos os italianos, com exceção de meia dúzia de traidores mal-intencionados, se identificassem plenamente com ele (BERTONHA, 1999).

Já no período imediatamente posterior ao final da Segunda Guerra Mundial, os italianos criaram, para si próprios, uma imagem de antifascismo coerente e total. Nessa visão, os fascistas, com seus valores e ideais, seriam arrivistas, completamente à parte da sociedade italiana. Apenas com o uso maciço da repressão e da propaganda é que eles teriam conseguido enganar e controlar os italianos. Com a sua derrota e eliminação do poder, a Itália teria podido voltar ao “normal”, ou seja, à democracia. Não espanta, aliás, que justamente nessa segunda metade da

década de 1940 tenham surgido na Itália as idéias do fascismo como um simples “parêntese” na história italiana (DE FELICE, 1976).

Ambas as imagens não correspondem plenamente à realidade. O povo italiano não apoiou integralmente o fascismo e muito menos aderiu a todas as suas idéias e perspectivas. Do mesmo modo, não é verdade que o fascismo tenha sido uma derivação natural dos valores do povo italiano ou da sua história, como se ele já estivesse previsto na história italiana desde Garibaldi ou Cavour.

Por outro lado, por mais interessante e confortante que fosse, para os italianos, afirmarem-se no pós-1945 como antifascistas plenos, isso não corresponde à realidade. Afinal, o antifascismo teve, depois da ascensão de Mussolini ao poder, uma capacidade extremamente reduzida de atingir as massas italianas e não há sinais de que o sentimento antifascista, salvo exceções, estivesse simplesmente dormente entre os italianos, à espera do momento certo de ressurgir. Da mesma maneira, apresentar o período fascista como algo distante do espírito dos italianos e de sua história podia facilitar a reconstrução física e psicológica do país, mas não se sustenta numa análise mais detalhada.

Este artigo tem como objetivo central discutir esses tópicos<sup>1</sup>. Procurarei demonstrar como o movimento fascista chegou ao poder e como a sua ascensão não foi acidental, mas perfeitamente explicável, dadas as relações do fascismo com a sociedade e a história italianas. A idéia é demonstrar como o regime fascista, apesar de não ter sido inevitável nem a expressão natural da sociedade italiana, era um produto desta sociedade, da sua história, das suas lutas sociais, etc.

Posto isso, o objetivo será descrever o sistema de dominação, com idéias e perspectivas próprias, montado pelo fascismo dentro do Estado e da sociedade italiana, incluindo seus elaborados mecanismos de repressão e propaganda. Novamente, o objetivo não é apenas elucidar como funcionavam esses mecanismos, mas principalmente entender como o regime procurou utilizá-los para aumentar a sua base de apoio e legitimação dentro da sociedade. A discussão dos resultados efetivamente conseguidos, tanto entre as elites como nas classes populares, será especialmente enfatizada.

---

<sup>1</sup> Até pela abrangência do tema, fui obrigado a resumir várias das questões e problemáticas aqui presentes. Para desenvolvimentos, ver Bertanha (2000, 2005 e e 2008) Nesses livros, amplo e desenvolvo com mais detalhes vários dos assuntos aqui trabalhados.

Posto isso, até como uma derivação automática deste último tópico, discutirei a questão do “consenso” fascista dentro da sociedade italiana durante o período entreguerras. Este tema é polêmico dentro da historiografia italiana, e suas posições evidenciam não apenas o debate historiográfico na Itália das últimas décadas, mas também o debate político. Trabalhar com ele será fundamental para discutirmos até que ponto a sociedade italiana legitimou e apoiou o fascismo e como e se este conseguiu efetivamente manter e ampliar a sua base de apoio na sociedade durante os vinte anos em que esteve no poder. Uma discussão final sobre o lugar do fascismo na história italiana, finalmente, servirá de conclusão e fechamento das reflexões aqui apresentadas, as quais parecem cada vez mais necessárias num momento em que as discussões sobre democracia e ditadura parecem estar de volta à ordem do dia.

### **A CONSTRUÇÃO DO REGIME FASCISTA. A CHEGADA AO PODER E A CONQUISTA DO ESTADO**

O fascismo surgiu em 1919. Não obstante, um erro pensar que ele foi uma mera criação de seu líder máximo, Benito Mussolini, ou que era simplesmente uma reação ao contexto de crise geral que a Itália atravessava em 1919, após sair da Primeira Guerra Mundial. Claro que Mussolini é figura-chave para se entender o fascismo e é evidente que as idéias fascistas surgiram para dar conta dos problemas que a Itália vivia naquele momento. Ainda assim, é importante perceber que o fascismo foi se adaptando às necessidades políticas que iam surgindo e que as idéias usadas pelos fascistas para criar seu movimento já estavam presentes desde um bom tempo na sociedade italiana.

De fato, o fascismo bebeu claramente nos nacionalistas, nos sindicalistas revolucionários e nos intelectuais futuristas, entre outros, para criar boa parte do seu corpo doutrinário, o qual reciclou e combinou, muitas vezes de forma contraditória, os ideais anteriores.

Assim, perspectivas e conceitos dos nacionalistas como a recuperação das glórias que a Itália havia tido na época do Império Romano e a substituição da “luta de classes” entre patrões e operários pela “luta das nações” pela hegemonia mundial foram apropriadas sem esforço.

Também os sindicalistas revolucionários, apesar de pertencerem à esquerda, influenciaram o fascismo através de suas idéias de organização

social e sindical, que, reelaboradas, deram origem às políticas sindical e social do fascismo. Os intelectuais futuristas, por sua vez, inspiraram os apelos fascistas dirigidos à juventude no sentido de mudar o mundo e em defesa da guerra como momento mágico de renovação da raça humana, entre outros pontos (PARIS, 1976; GENTILE, 1988; BERNARDINI, 1980; FABRIS, 1987).

Fica claro, de qualquer forma, que os ideais fascistas não estavam desconectados do mundo político, social e cultural da Itália, mas tinham representatividade em pelo menos parte da sociedade. A novidade do fascismo foi reorganizar todas essas idéias para aquilo que a política do momento exigia e, claro, colocá-las em prática para a conquista do poder de acordo com os interesses de seus líderes num momento específico de crise da sociedade italiana, ou seja, o imediato pós-Primeira Guerra Mundial.

Os anos entre 1919 e 1922 foram, efetivamente, de grande agitação política e social na Itália. A Grande Guerra havia terminado, mas os efeitos econômicos do esforço de guerra continuavam, com inflação e colapso das finanças públicas. Socialmente, a situação era ainda pior, com desemprego e miséria crescentes, agravados pelo retorno para casa de dois milhões de soldados desmobilizados. Os operários e a classe média, empobrecidos nos anos de guerra, lutavam por melhores salários e condições de trabalho e a política se polarizava e radicalizava, com derrotas dos liberais nas eleições e o fortalecimento de partidos alternativos, como o socialista e o católico.

Foi nesse contexto atribulado que surgiu o movimento fascista. Fundado oficialmente por Mussolini em Milão em 23/3/1919, ele propunha a renovação completa da sociedade italiana através da reforma do Estado e do próprio homem italiano. O Estado deveria abandonar a sua orientação liberal e ser autoritário e centralizado, eliminando-se todos os partidos políticos, o Parlamento e outros órgãos do sistema democrático. As lutas sociais seriam contidas com um misto de cooptação e repressão, de forma a garantir a uniformidade e a união entre os italianos. A nação, por fim, seria colocada em primeiro plano, o que significava uma educação fundamentalmente militarista e nacionalista para os italianos e voltada à expansão imperialista no exterior.

No início inexpressivo, o movimento fascista conseguiu aos poucos o apoio tanto de industriais e proprietários de terras, assustados com a agitação operária e de setores sociais, como da pequena burguesia,

encantada com suas idéias nacionalistas e antiliberais. O movimento também não hesitava em usar a violência para esmagar seus adversários de esquerda. Não foi, contudo, através de um golpe que conseguiu controlar o Estado, mas sim, graças ao apoio dos setores conservadores da sociedade, que conseguiram convencer o rei e o governo de que a entrada dos fascistas no Estado seria conveniente para eles. Em 1922, finalmente, Mussolini foi convidado a ser primeiro-ministro. O fascismo chegou ao poder (LYTTELTON, 1974).<sup>2</sup>

Destarte foi no contexto de uma forte crise nacional que o fascismo assumiu o governo. A vitória dos fascistas não foi, porém, uma derivação automática dessa crise, como se história e política fossem equações matemáticas que dessem resultados prontos. A vitória do fascismo não era inevitável, mas foi resultante da habilidade do movimento em lidar com os problemas italianos no período 1919/22 e se aproveitar dos erros e divisões de seus adversários<sup>3</sup> e da cooperação (financeira, via apoio das forças da polícia, etc.) das classes dirigentes políticas e econômicas italianas, que viram no fascismo um instrumento para eliminar a agitação social e da esquerda que as incomodava no período (DE FELICE, 1988; KONDER, 1991; MICHEL, 1977; TRENTO, 1986).

O apoio das classes dirigentes, da burguesia, da Igreja - neste caso, especialmente a partir de 1929, após o Tratado de Latrão<sup>4</sup> - e de outras forças foi realmente fundamental para que ele conseguisse eliminar o regime democrático e criar uma ditadura no país. Por motivos diversos, essas elites acreditaram que o fascismo era uma alternativa interessante para o país e mantiveram seu apoio a ele por mais de duas décadas.

Os industriais, por exemplo, foram beneficiados pela estabilidade econômica, pela eliminação dos sindicatos independentes e da esquerda em geral e por grandes encomendas estatais, enquanto muitas pessoas oriundas da classe média conseguiam emprego na inchada máquina estatal e apreciavam os apelos de ordem e nacionalismo do regime. Já os grandes proprietários de terra tiveram vantagens com a política econômica autárquica fascista, enquanto a Igreja e o Exército apoiavam a política

---

<sup>2</sup> Para a organização do movimento, ver Gentile (1989)

<sup>3</sup> Para o ponto de vista dos comunistas, ver Natoli (1982).

<sup>4</sup> Sobre os acordos de Mussolini com a Igreja Católica, ver, entre outros, Webster (1960) e Scoppola (1975).

anticomunista e a expansão armamentista promovidas pelo regime. Eram forças-chave para garantir a permanência fascista no poder.

A importância do apoio das elites na manutenção do poder fascista fica ainda mais evidente quando estudamos as razões de sua queda. De fato, o fator imediato para explicar o colapso do regime fascista após mais de vinte anos no poder foi a sua desastrosa participação na Segunda Guerra Mundial; mas o que realmente contou foram os efeitos políticos dessa participação, ou seja, o afastamento do povo e, especialmente, das elites, das bases de sustentação do regime.

Na verdade, o processo de rompimento do bloco de poder formado pelo fascismo e pelas elites tradicionais italianas estava se esboçando já a partir da segunda metade dos anos 30, quando a caminhada fascista na direção do totalitarismo, com as leis raciais, a aliança com o nazismo e outros pontos desgostaram essas elites. Foi preciso, contudo, a guerra para que esse processo atingisse o seu cume. De fato, os bombardeios, as derrotas constantes e os demais sofrimentos da guerra levaram o povo italiano a se afastar do fascismo com rapidez. A situação se tornou tão grave que, em 24/7/1943, o rei, apoiado por outros fascistas, pela alta burguesia, os militares e a Igreja (que agora percebiam os riscos e os perigos das aventuras guerreiras do Duce e começaram a se preocupar com os riscos de subversão social no país), afastou Mussolini do poder, o que levou o país à guerra civil e à ocupação estrangeira.

Aqui, uma comparação com a Espanha de Franco pode ser interessante. Franco venceu a guerra civil espanhola a partir do apoio das potências fascistas (Itália e Alemanha), assim como dos próprios fascistas locais. Mas o apoio das forças conservadoras locais, como a burguesia, o Exército e a Igreja também foram fundamentais. Com o início da Segunda Guerra Mundial e a derrota dos Estados fascistas, o regime franquista alterou rapidamente os termos desse bloco de poder, colocando os fascistas à margem e preservando-o até a sua morte em 1975. Mussolini poderia muito bem ter seguido este caminho, mas sua recusa em fazê-lo acabou colocando-o em rota de colisão com as forças conservadoras a partir de 1935-1936 e, especialmente, a partir de 1940 (DE GRAND, 2005).

Na verdade, as elites tradicionais só puderam se voltar contra o fascismo porque conservaram um mínimo de independência e poder, de tal forma que puderam preservar algo de sua base original e sobreviver ao



próprio regime.<sup>5</sup> Realmente, apesar de o regime fascista estar claramente trilhando os caminhos do totalitarismo no final dos anos 30, foi este um projeto que falhou, com várias instituições políticas italianas continuando a ter certa independência, como a Igreja, a Monarquia e as Forças Armadas. Mesmo algumas instituições do período liberal, apesar de perderem quase todos os seus poderes e estarem na mira para eliminação futura, como o Parlamento, acabaram por subsistir, ao menos em termos formais (TOBIA, 1991).<sup>6</sup>

Cumpre ressaltar que nem a Alemanha nazista nem a União Soviética de Stalin conseguiram construir um verdadeiro Estado totalitário, com a formação de um pensamento único e a eliminação de todos os poderes alternativos ao Estado e ao partido; mas eles foram capazes de avançar muito mais nessa direção (no caso da Alemanha, graças a um controle muito superior do aparelho estatal e a um equilíbrio de forças políticas diferente) do que a Itália fascista, onde o projeto totalitário, apesar do esforço e de alguns sucessos nesse sentido (especialmente na segunda metade da década de 30), realmente não criou raízes, até pela própria cultura e estrutura política italianas. Do mesmo modo, é possível afirmar que o regime de Mussolini, até por seu perfil mais autoritário do que totalitário, foi muito menos violento no trato da sua própria população do que o de Hitler ou o de Stalin.

Dizer isto, contudo, não significa afirmar que os fascistas não recorriam à força para eliminar seus inimigos, muito pelo contrário. De fato, no poder, Mussolini, antes de tudo, procurou eliminar todos os inimigos de seus projetos através de forte repressão. Ele dispunha da temida OVRA, a polícia secreta encarregada de vigiar e prender opositores, de leis contra os antifascistas e do Tribunal Especial para a Segurança do Estado, que aplicava essas leis. Os militantes comunistas, anarquistas e socialistas foram especialmente visados e muitos (como Gramsci, grande teórico do comunismo italiano) morreram na prisão ou no exílio.<sup>7</sup>

Enfim, está mais do que clara a importância da repressão para que o fascismo mantivesse seu poder no país por mais de vinte anos; também

---

<sup>5</sup> O processo foi registrado no clássico de Deakin (1966).

<sup>6</sup> Em italiano, um clássico sobre a transformação do Estado liberal em fascista é Aquarone (1965). Já sobre o Parlamento italiano e sua existência no período fascista, ver Musiedlak (2003).

<sup>7</sup> Ver, entre outros, Franzinelli (1999).

é verdadeiro, contudo, que o terror fascista nunca atingiu os níveis de brutalidade utilizados, por exemplo, na Alemanha nazista ou por Stalin na URSS, e que a permanência de Mussolini no poder por vinte anos não pode ser creditada apenas à violência e ao controle policial direto. Nem haveria, aliás, efetivo policial para tanto, apesar da rede de vigilância e de denúncias informais criada para suplementar o aparato legal. Assim, quaisquer imagens, criadas no período posterior, que apresentem o povo italiano como submetido e dominado pelos fascistas única e exclusivamente a partir da força, podem ser vistas, com certeza, como equivocadas.

Assim, fica claro que o fascismo não era um corpo estranho à sociedade italiana e que esta, ou ao menos as suas elites, o apoiaram enquanto foi do seu interesse, o que lhe permitiu sobreviver por tanto tempo. Ele também se preocupou, além disso, em criar e reforçar a sua base de apoio dentro da sociedade, especialmente entre as classes populares, de forma a legitimar-se. Na verdade, alguns fascistas mais radicais imaginavam que chegaria o dia em que, graças a este apoio, eles poderiam abrir mão da aliança com as elites tradicionais e criar um Estado verdadeiramente fascista. Esse dia nunca chegou, mas o regime trabalhou bastante para ampliar a sua legitimidade perante o grosso da população.

#### **A CRIAÇÃO DE UMA NOVA CULTURA E DE UM NOVO ITALIANO**

No seu período de poder, o regime fascista procurou colocar em prática a sua ideologia autoritária e antiliberal. A partir dela, o fascismo pretendeu criar não só uma nova Itália, mas também um novo italiano, o qual seria forte moral e fisicamente, disciplinado, saudável e apto à vida militar e à conquista de outros povos. Um “novo homem” italiano, pronto a substituir os antigos habitantes da península.

Esse ardor revolucionário diminuiu a partir dos compromissos que os fascistas tiveram que fazer para chegar ao poder. Realmente, se quisermos entender o fascismo italiano e sua ideologia, é fundamental diferenciar o fascismo-movimento do fascismo-regime. O primeiro é um movimento que, mesmo baseando-se em idéias antigas e mantendo o capitalismo, tende a construir algo novo ou, pelo menos, com traços inéditos. Já o fascismo-regime é uma soma do fascismo-movimento com as acomodações que ele teve que fazer com grupos políticos conservadores para assumir o poder. Essa distinção é básica para se

entender a variação das políticas e idéias fascistas antes e depois de 1922.<sup>8</sup>

A disposição fascista em alterar a maneira de viver dos italianos diminuiu, assim, a partir dos acordos que os fascistas fizeram para conquistar e manter o poder, porém o fascismo não pode ser simplesmente chamado de reacionário ou conservador. Ele podia lutar pela manutenção do capitalismo, mas procurava mobilizar as pessoas o mais possível, o que o diferencia de movimentos conservadores. Além disso, o fascismo tinha a perspectiva, ao menos no plano teórico e nas intenções, de criar uma nova civilização e um novo homem, e nisso ele também se diferencia dos partidos conservadores de direita, que buscavam não mudanças sociais, mas o retorno à normalidade anterior.<sup>9</sup>

Como veremos a seguir, a estratégia-chave de Mussolini para eternizar o fascismo na Itália era o trabalho com as novas gerações. Os italianos já adultos não podiam, porém, ser esquecidos, e, para trabalhar o meio mais tradicional para atingir essas pessoas era a imprensa, e Mussolini não se descuidou dela nem por um instante: desde 1926 a imprensa antifascista foi proibida, criaram-se inúmeros periódicos fascistas e implantou-se a censura na grande imprensa italiana, que ficava proibida de divulgar qualquer coisa que, mesmo remotamente, criticasse o regime. Para se ter uma idéia da força dessa censura, só no período 1937 - 1938 o regime fascista impôs aos jornais quatro mil ordens de censura e quatrocentas sanções por violação desta.

Outros meios usados por Mussolini para difundir as idéias fascistas entre os italianos foram o rádio e o cinema. Através do rádio, os discursos do Duce chegavam aos mais remotos cantos da Itália, e através do cinema, a LUCE (Istituto Nazionale l'Unione Cinematographica Educativa) fazia chegar aos italianos os assim chamados *Cinegiornali* (jornais de cinema), onde estes recebiam uma visão de uma Itália irreal, sem crime, sexo, brutalidade e problemas e belas imagens de jogos,

---

<sup>8</sup> A análise de De Felice (1988), nesse aspecto, é correta, ainda que seja difícil concordar quando ele a leva ao extremo, como se fascismo-movimento e fascismo -egime fossem completamente diferentes um do outro.

<sup>9</sup> Existe uma vasta bibliografia a respeito das diferenças entre esquerda e direita, autoritarismo e totalitarismo e entre as direitas. Apenas a título introdutório, ver Deutsch (1999); Falcón (1991); Revelli (1996); Mayer (1971) e Silva (2000).

corridas, do Duce e da família real, etc. - uma tática realmente destinada a não dar elementos para que as pessoas discutissem o fascismo.

Esses jornais da LUCE não eram, porém, os únicos filmes produzidos pelo fascismo. Outro órgão - a Ente Nazionale Italiano Cinematographico - cuidava de produzir filmes históricos e sentimentais, e também documentários onde a ideologia fascista eram passados, mais ou menos sutilmente, para a população. É o caso dos filmes *Vecchia guarda*, de 1934 (onde a violência fascista de 1919/1920 é mostrada e aprovada); *Il Cammino degli Eroi* de 1936 (sobre a conquista fascista da Etiópia); *Luciano Serra, pilota* de 1938 (onde um herói egoísta é redimido pelo patriotismo) e muitos outros.

Outra maneira tipicamente fascista de promover a integração das massas na vida política italiana e de conduzi-las ao padrão ideológico desejado pelo regime foi a estetização do regime, facilmente compreensível. Afinal, o fascismo suprimiu os canais de expressão e participação política tradicionais e procurou reduzir os militantes do partido (e, depois, os cidadãos do Estado) a meros executores de ordens. Tal rigidez e autoritarismo implicaram na concepção de uma participação política alternativa. Tal participação elevava as pessoas a uma posição ilusória de decisão dentro da estrutura partidária e era conseguida principalmente pela presença das massas dentro das grandes solenidades e rituais.

Símbolos e rituais, além disso, eram excelentes instrumentos de propaganda e também de difusão de idéias e sentimentos adequados ao regime entre a população, pelo que foram usados intensivamente dentro da máquina do fascismo, incorporando-se ao cotidiano dos italianos. A relação especial com a figura do Duce era especialmente ressaltada dentro do plano simbólico.

Na Itália do entreguerras, assim, grandes manifestações de massa se tornaram comuns, revelando toda a pompa fascista: desfiles de multidões em camisa negra e fuzil, o *fascio littorio* e bandeiras espalhadas por todo lado, discursos emocionados de Mussolini na sacada do palácio do governo na *Piazza Venezia*, etc. Hoje, tendemos a ver tais manifestações como algo cômico, porém elas eram fundamentais para o fascismo, procurando demonstrar a fidelidade da população italiana ao Duce, cultuando a figura de Mussolini e celebrando a juventude, a força e os ideais do regime. Para os habitantes da Península Itálica daquela época, elas se tornaram parte integrante de suas vidas e do próprio modo de ser

do povo italiano naqueles anos, reforçando os vínculos do regime e, especialmente, da figura de Mussolini com a população em geral.

O grande alvo da propaganda fascista, porém, eram as crianças e os jovens, que formariam, com o tempo, a sociedade verdadeiramente fascista que muitos fascistas sonhavam em criar. Efetivamente, a criação do **novo homem** fascista (ou seja, transformar cada vez mais os italianos para que se aproximassem daquilo que o fascismo considerava ideal) era uma tarefa para gerações. Mussolini sabia disso e trabalhou arduamente para, através da educação e da fascistização das novas gerações, tentar implantar o fascismo no próprio coração dos italianos.

As universidades foram as primeiras a sentir o peso do fascismo. Professores foram obrigados a aceitar o fascismo e os estudantes foram enquadrados em órgãos fascistas específicos. Foi ao mundo da escola primária, porém, que o fascismo dedicou mais atenção: seria na escola primária que se criaria o novo homem fascista. Houve resistência ao avanço dos camisas-negras nas escolas, e mesmo dentro do próprio fascismo havia sérias discordâncias sobre como seria esse novo homem fascista que a escola deveria criar. É evidente, porém, que o fascismo fez tudo o que pôde para transformar a escola - e por conseguinte a juventude italiana - em um instrumento a seu serviço.

As escolas não eram, porém, suficientes para os objetivos do regime de conquistar os jovens. Assim como havia **Fascios** e **Dopolavoros** para enquadrar os adultos, o fascismo criou inúmeros organismos de mobilização dos jovens em que estes eram obrigados a se alistar e que chegaram a ter oito milhões de membros em 1940.

Os fascistas também tentaram mudar as cabeças da elite pensante do país, os intelectuais e artistas. Aos que aderiam ao regime (e a maioria o fez) eram concedidos cargos, dinheiro e prestígio. Os que se recusavam sofriam perseguições e represálias. Procurou-se, assim, criar uma cultura, uma arte e uma arquitetura fascistas, as quais seriam essenciais para a formação da civilização fascista.

Destarte no período entreguerras o fascismo tentou renovar a cultura italiana, controlando-a rigidamente. A escultura e a pintura receberam uma orientação neoclássica (GHIRARDO, 1996),<sup>10</sup> enquanto o

---

<sup>10</sup> A revista *Journal of Contemporary History* traz vários outros artigos sobre a arquitetura e o urbanismo fascistas.

cinema foi obrigado a seguir os cânones e diretrizes do regime.<sup>11</sup> Também a literatura recebeu o olhar vigilante do fascismo, o que não impediu o aparecimento de escritores de peso, como Giuseppe Ungaretti.

Procurou-se também revitalizar a atratividade da cultura italiana dentro do panorama mundial. Para tanto, tentou-se convencer o mundo de que os estereótipos ligados aos imigrantes italianos eram injustos e que as suas manifestações culturais eram também a expressão de um povo brilhante e sofisticado (PRETELLI, 2004). Depois tentou divulgar e popularizar a cultura erudita italiana pelo mundo através de um sem-número de iniciativas culturais nos mais diversos países, incluindo a assinatura de vários acordos culturais.<sup>12</sup>

Em termos culturais, na verdade, a grande especificidade da época do fascismo foi a sua intenção de criar uma cultura fascista capaz de unir a cultura erudita e a cultura popular italianas numa verdadeira cultura de massas, baseada no cinema, no rádio e em outros mecanismos modernos de difusão de idéias, a ser difundida e popularizada dentro e fora da Itália. Os resultados desse esforço, contudo, pelas próprias contradições do projeto, foram apenas parciais (TANNENBAUM, 1975; CANNISTRARO, 1975; ISNEGHI, 1986).

De qualquer modo, é possível perceber como o regime se esforçou bastante para criar uma nova cultura e modificar a própria essência do povo italiano em direção a uma perspectiva fascista, conquistando-o por completo. Tal esforço não deixou de apresentar resultados, afetando a vida de duas gerações de italianos, nascidas e criadas dentro do regime, mas não conseguiu realmente atingir todos os seus objetivos, pelo que, jamais, apesar da propaganda fascista, os termos **italiano** e **fascista** se tornaram sinônimos.

#### FASCISMO, ANTIFASCISMO E O POVO ITALIANO: ENTRE ADESÃO, RESISTÊNCIA E CONSENSO

A oposição ao fascismo foi real desde a ascensão deste ao poder.<sup>13</sup> Politicamente, a oposição ao fascismo se dividiu em dois grandes

---

<sup>11</sup> Sobre o cinema fascista, ver, entre outros, Cannistraro (1972).

<sup>12</sup> Para os casos da Alemanha e da Hungria, ver Petersen (1986) e Petracchi (1995).

<sup>13</sup> Há uma extensa bibliografia sobre o antifascismo italiano, suas origens, instituições, grupos e atuação dentro e fora da Itália. Para um contato inicial com essa bibliografia, ver Bertanha (1999).

setores: aqueles que continuaram legais, não se organizaram como movimentos de massa e permaneceram limitados a uma atividade meramente cultural, sem ameaçar o regime (católicos, liberais, etc) e os que se empenharam decisivamente na luta política, como os comunistas, socialistas, anarquistas e republicanos.

Os antifascistas, num primeiro momento, tentaram barrar o fascismo dentro da própria Itália, através de bloqueio parlamentar e outros artifícios. Derrotados pela habilidade de manipulação política de Mussolini e pela força dos seus apoios entre a elite italiana, os antifascistas foram sendo progressivamente eliminados e, com as leis que proibiam todos os partidos (com exceção, claro, do fascista) em 1926, eles foram praticamente eliminados da política italiana por quase vinte anos.

Essas leis provocaram a transferência maciça dos líderes antifascistas (como Turati, Treves, Nenni, De Ambris e outros) e das estruturas dos partidos opositores ao fascismo para o Exterior. Alguns foram para a Suíça, a Bélgica, a Argentina e muitos outros países, mas o grosso dessa emigração de líderes políticos e intelectuais dirigiu-se para a França, devido à proximidade geográfica, tradição de asilo, afinidade cultural e lingüística, certeza de apoio e proteção e outros fatores.

Foi no Exterior, assim, que se concentrou o real antifascismo nos anos do regime. Continuamente vigiados e perseguidos pelos representantes do fascismo no Exterior, eles tentaram refazer o mundo antifascista através de organismos como a Concentrazione d'Azione Antifascista, Giustizia e Libertà e outros. e da reconstrução, no Exterior, das sedes dos partidos italianos proscritos na Itália. Nos mais diversos locais do mundo, os antifascistas italianos tentaram manter viva a chama do antifascismo entre os emigrados e preparar o dia do retorno à Itália.

Os resultados obtidos por estes antifascistas – das mais diferentes matrizes ideológicas e com imensos conflitos entre si - variaram muito de contexto para contexto, oscilando entre certa popularidade entre os imigrantes italianos, como na França e na Bélgica, e um quase total fracasso, como nos Estados Unidos e no Brasil. Mas, em linhas gerais, não seria correto superestimar os resultados obtidos, especialmente no que se refere às suas chances de reconquistar o poder na Itália.

Não é este o espaço para tentar reconstruir as lutas mundiais desses antifascistas,<sup>14</sup> mas é importante observar como foram justamente eles que formaram parte substancial da liderança da República Italiana surgida depois da Segunda Guerra Mundial. Suas idéias e perspectivas foram, ao menos parcialmente, a base da Itália surgida depois de 1945, o que nos poderia levar a supervalorizar o seu poder e influência na Itália nas décadas de 20 e 30.

Realmente, é importante notar que, apesar de os antifascistas terem sido capazes de sobreviver e obter resultados em longo prazo, eles só conseguiram derrotar o fascismo devido à vitória dos Aliados na Segunda Guerra. Muitos, claro, participaram das campanhas dos guerrilheiros italianos contra o fascismo entre 1942 e 1945, mas, por si só, eles jamais teriam sido uma ameaça ao regime, o que indica como, através da repressão e da propaganda, o regime de Mussolini conseguiu anular a maior parte da resistência ao seu poder, ou, ao menos, aquela potencialmente mais perigosa.

Também fica evidente, por outro lado, que, como já indicado antes, os fascistas também não conseguiram impor completamente os seus ideais aos italianos, e sinais de uma resistência ao menos passiva (através do humor, da resistência a cumprir os rituais e normas do regime, etc.) ao regime são mais do que claros.<sup>15</sup>

Numa análise geral, o quadro mais próximo da realidade seria a de que o fascismo conheceu um grau de apoio bastante elevado dentro da sociedade. Ele era praticamente total, como já indicado, entre as elites, o que não significa dizer que estas absorvessem realmente todos os ideais fascistas, mas que o apoiavam porque dele tiravam inúmeras vantagens. As classes médias, por serem mais identificadas com os valores do fascismo e obterem, com ele, inúmeras vantagens materiais, também deram o seu apoio. Já as grandes massas de camponeses foram mais sacrificadas pelo regime, perdendo salários e não conseguindo acesso à terra, enquanto os operários urbanos também perderam renda e empregos. Não espanta que tenha sido nesses setores que o fascismo teve menor influência ideológica, ainda que os apelos de nacionalidade, de estabilidade e de ligação pessoal com o Duce tenham tido, claro, alguma repercussão.

---

<sup>14</sup> Para a rede antifascista mundial, ver a bibliografia citada em Bertonha (2008).

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, Passerini (1984).



Esse quadro geral, evidentemente, deve ser visto com imensas reservas. Ele indica, no máximo, tendências gerais, passíveis de serem modificadas conforme se agregam fatores como geração, região, etc. Também a questão temporal é importante, pois, enquanto houve períodos em que o apoio do povo italiano ao regime foi mais denso (como quando da conquista fascista da Abissínia, em 1935-1936, quando o nacionalismo dominou o cenário), também houve outros em que setores sociais importantes se sentiram traídos pelo regime. Foi assim, por exemplo, no final da década de 30, quando políticas como as leis raciais, a aliança com a Alemanha e a perseguição aos judeus desagradaram a muitos italianos, preparando o cenário para o rompimento, que viria com a guerra.<sup>16</sup>

De qualquer forma, como bem ressaltou Ângelo Trento (1986), o quadro que mais se aproxima da realidade seria o de um país bastante fascistizado, mas com grandes camadas sociais que não chegavam a ser antifascistas, mas que eram, no mínimo, afascistas. Mesmo as classes populares, contudo, manifestaram algum apreço pelos apelos nacionalistas do regime e, de qualquer modo, não tiveram condições de se organizar em sentido antifascista durante a sua duração, dada a repressão.

Poderíamos dizer, assim, que o fascismo, mesmo tendo utilizado largamente a propaganda, a cultura e a repressão, não conseguiu converter os italianos em perfeitos fascistas; porém foi capaz de conquistar o apoio das elites e do povo italiano (ativo no primeiro caso, passivo no segundo) e de eliminar a resistência aberta ao seu poder e de usufruir alguma legitimidade. Seria possível confirmar, a partir dessa análise, quanto o fascismo foi autoritário e quão pouco ele conseguiu avançar no seu projeto totalitário. Já alguns historiadores italianos chamam a isto de consenso, o que remete a imensas polêmicas dentro da historiografia italiana.

Realmente, essa idéia de consenso é devida centralmente ao famoso historiador do fascismo Renzo de Felice (1974)<sup>17</sup> e seus discípulos. Segundo tal idéia, o regime efetivamente desfrutou de uma legitimidade cada vez maior diante do povo italiano, nos anos 30, o que teria permitido, aliás, certa diminuição da importância do aparelho

---

<sup>16</sup> Sobre o tema da opinião pública italiana durante o regime, um clássico é o trabalho de Colarizi (1991).

<sup>17</sup> Ver também Ledeen (1976). Uma análise crítica da historiografia defeliciana está em Tranfaglia (1995).

repressivo - uma maneira de ver a questão que acaba por dar certa respeitabilidade ao fascismo mas não se sustenta quando da pesquisa na documentação da época.

Com efeito, como bem demonstrou Nicola Tranfaglia (1995),<sup>18</sup> a documentação disponível sobre o período leva justamente à conclusão oposta, ou seja, à visão de um sistema repressivo nem de longe perfeito, mas em progressivo refinamento e aperfeiçoamento. Além disso, como bem ressalta esse autor, qualquer idéia de assentimento ou de consenso implica na possibilidade real de escolha, o que não havia. Por fim, esse tipo de raciocínio omite a capacidade de toda ditadura de impor aos dominados a escolha entre a completa marginalização social ou a adesão, mais ou menos explícita, a quem está no poder.

De qualquer modo, ainda seguindo o raciocínio de Nicola Tranfaglia, as novas gerações podiam ter até algum entusiasmo e fé, já que não tinham conhecido mais nada além da ideologia fascista; mas não só este entusiasmo estava destinado a desaparecer rapidamente quando da guerra, mas também muitos dos próprios jovens fascistas estavam desanimados, nos anos 30, com os rumos do regime. Isto, aliás, levaria muitos deles a buscar alternativas para a regeneração dos ideais fascistas, como a sua internacionalização (LEDEEN, 1973; BOREJSZA, 1971) e até mesmo, no futuro, ao antifascismo. Tranfaglia prefere usar a palavra resignação ao invés de consenso para definir a relação do grosso da população italiana com o fascismo. Esta pode ser uma palavra muito forte, mas talvez ela seja útil para matizar um pouco o suposto consenso fascista entre a população italiana. Esta apoiou o regime e lhe deu legitimidade, mas dentro de certos limites muito claros.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS.

##### O SIGNIFICADO DO FASCISMO NA HISTÓRIA ITALIANA

A Itália foi o primeiro país do mundo a se tornar fascista e onde o regime fascista durou mais tempo. Realmente, apesar de o caldo cultural e os problemas oriundos da Primeira Guerra Mundial terem sido comuns a todo o Mundo Ocidental, foi na Itália que o surgiu o primeiro grande movimento fascista e em que ele tomou o poder pela primeira vez. Tanto que a palavra fascismo, que antes designava só o fascismo

---

<sup>18</sup> Muito útil também o artigo publicado por Tranfaglia quando da morte de De Felice em 1996. Ver "L'uomo che ha riscritto il ventennio fascista". *La Repubblica*, 26/5/1996.

italiano, passou a servir para denominar todos os outros movimentos semelhantes que surgiram na Europa e no mundo nos anos seguintes.

Parece óbvio que não podemos ter uma visão histórica determinista, como se o fascismo já estivesse previsto na história italiana desde sempre e, como tal, fosse algo inevitável. Elementos outros, extremamente subjetivos, como a incapacidade dos partidos de esquerda de combater adequadamente Mussolini, a imensa eficiência retórica e de manipulação política deste e a própria novidade do fascismo nos anos 20 ajudam a compreender a instalação do regime na Itália. No entanto, um exame da história da Itália pode nos ajudar a delimitar melhor os elementos mais estruturais que facilitaram a ascensão de Mussolini ao poder, numa época em que os outros movimentos fascistas eram apenas embrionários ou irrelevantes.

Neste sentido, o processo de construção da democracia italiana merece ser analisado com cuidado. Quando da entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, em 1915, reformas importantes já haviam sido implantadas e o sistema político italiano estava se aproximando do padrão moderno. No entanto, alguns problemas essenciais ainda estavam por ser resolvidos, como o desequilíbrio entre o Sul e o Norte, a falta de representação real da sociedade no Estado e a dificuldade, por parte do governo, em cooptar os partidos e movimentos de massa expressivos (católicos e socialistas, especialmente) que surgiam nessa época<sup>19</sup>. Tal situação levou a um sistema liberal com bases fracas e carente de legitimidade, o qual, sob o impacto da enorme crise econômica e social e das não menos significantes mudanças políticas e culturais advindas da participação italiana na Primeira Guerra Mundial<sup>20</sup>, entrou em colapso.

Assim, o caráter intermediário do sistema liberal italiano, nem plenamente liberal nem totalmente conservador, no qual as massas populares não estavam cem por cento fora do cenário político, mas também não completamente integradas nele, é uma das chaves para compreender por que a Itália foi o primeiro e, por muitos anos, o único país fascista.

Claro é, não obstante, que o fascismo, no seu período de vinte anos de poder, não representou apenas uma continuidade dentro da

---

<sup>19</sup> Um texto denso a respeito das dificuldades do Estado liberal em gerir a sua transformação em Estado democrático depois da instauração do voto universal e o impacto que isto teve na ascensão do fascismo é Vivarelli (1991).

<sup>20</sup> Para os efeitos desastrosos da guerra no sistema liberal italiano, ver Gentile (1988).

história política italiana. Ele manteve, com certeza, vários elementos da velha ordem, como a Monarquia e boa parte da estrutura burocrática do Estado, mas introduziu novos, como a intervenção maciça na economia, o controle mais aperfeiçoado da oposição e dos opositores e a criação de uma política cultural de massas com o objetivo de ao menos tentar trazer a população ao cenário político e ao **corpo** nacional (GENTILE, 1993).

Essa integração das massas na política não ocorreu, assim, como no Norte da Europa, dentro de uma ordem liberal, com vários partidos e organizações e do Estado de direito, mas rigidamente, dentro de um Estado de partido único, o qual se tornou extremamente corrupto com o passar do tempo. Como resultado, só se agravaram os já tradicionais problemas italianos de representação da população nos partidos, de partidos sem base ideológica, mas clientelista, e de visão da política como mero mecanismo de angariar benefícios pessoais.

Além disso, uma herança autoritária permaneceu na estrutura política italiana, com muitas pessoas, educadas na época do fascismo, vendo com bons olhos idéias como a repressão aos descontentes, a predominância do Estado sobre a sociedade civil e outras, o que influenciou a história da República Italiana após 1945.

Assim, se quisermos responder diretamente às perguntas colocadas no início deste texto, poderemos dizer que o fascismo não era, nem de longe, estranho à sociedade italiana, e muito menos um parêntese na história dessa sociedade. Por outro lado, também não seria correto dizer que ele tenha sido inevitável, como se os resultados dos embates políticos e sociais já fossem dados *a priori*.

Do mesmo modo, seria ilógico dizer que o fascismo se sustentou, por mais de vinte anos, única e exclusivamente por meio da repressão e do exercício da força. Ele ascendeu ao poder já desfrutando de uma base de apoio importante, especialmente nas elites e nas classes médias, e nele foi capaz de usar os modernos instrumentos de propaganda e de cultura de massas, além da repressão, para controlar os abertamente descontentes e ampliar ainda mais essa base, conseguindo ao menos a adesão passiva do grosso da população.

Nesse processo, o regime jamais conseguiu pôr em prática o seu ideal totalitário, o que permitiu que setores importantes da sociedade e do Estado italianos conservassem alguma independência e a possibilidade de escolha, o que fez do apoio ao fascismo mais uma questão de conveniência e negociação do que de total e completa adesão. A

fragilidade desse apoio - seja nas elites, seja na população em geral - fica clara quando se recorda como ele entrou em colapso rapidamente quando das adversidades da guerra. Assim, considero que o fascismo contou, sim, com uma base de apoio dentro da Itália, mas não com o consenso absoluto da população e muito menos com legitimidade total.

Recordar esses tópicos é fundamental para que se possam avaliar com cuidado as reconstruções do passado. Uma visão excessivamente centrada no binômio opressor-oprimido, enfatizando como a dominação só pôde se dar pela combinação da coerção e da manipulação da propaganda, é agradável, por parecer indicar a força dos sentimentos democráticos nos italianos - só dominados à força -, mas dificilmente corresponde à realidade. Nenhum regime político se sustenta sem o mínimo de apoio interno, e o caso da Itália fascista não foi diferente.

Por outro lado, convém não caminhar para o lado oposto e imaginar que o fascismo nunca usou a manipulação e a coerção para garantir a sua ascensão e permanência no poder. Colaboração e resistência, ativas e passivas, existiram, mas, sem o uso do poder e da propaganda, para reforçar a primeira e silenciar a segunda, nenhum regime de força se manteria e o de Mussolini também seguiu esse padrão.

Recordar o passado fascista na Itália implica, assim, em perder as ilusões de que a maioria da população, na Itália ou em outros países, esteja disposta a qualquer sacrifício para a defesa da democracia. Em certos momentos, a democracia pode perfeitamente ser trocada pelo atendimento de certos interesses ou desejos, materiais ou subjetivos. Por outro lado, também não é conveniente esquecer que um regime de força só se mantém calando os descontentes e manipulando as pessoas. Não ter ilusões quanto à democracia, mas saber o seu valor e os instrumentos dos seus inimigos, parece ser um exercício necessário para que a experiência da Itália fascista (mesmo numa versão reciclada) não se repita mais, nem na Itália contemporânea nem em qualquer outro lugar ou tempo.

#### REFERÊNCIAS

AQUARONE, A. A. *L'organizzazione dello stato totalitario*. Torino: Einaudi, 1965.

BERTONHA, J. F. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo 1919-1945*. São Paulo: Annablume, 1999.

- \_\_\_\_\_. Fascismo, nazismo e integralismo. São Paulo: Ática, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Eduem, 2008.
- BERNARDINI, F. *O Futurismo italiano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- BOREJSZA, J. *Il fascismo e l'Europa Orientale*. Roma: Laterza, 1971.
- CANNISTRARO, P. *Il cinema italiano sotto il fascismo*. Roma: Laterza, 1972. (Storia contemporânea, 3).
- CANNISTRARO, P. *La fabbrica del consenso: fascismo e mass media*. Roma: Laterza, 1975.
- COLARIZI, S. *L'opinione degli italiani sotto il regime, 1929-1943*. Roma: Laterza, 1991.
- DEAKIN, F. W. *The brutal friendship: Mussolini, Hitler and the fall of Italian fascism*. New York: Anchor Books, 1966.
- DE FELICE, R. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- DE FELICE, R. *Entrevista sobre o fascismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- DE FELICE, R. *Entrevista sobre o fascismo e Mussolini – Il Duce: Gli anni del consenso (1929-1936)*. Torino: Einaudi, 1974.
- DE GRAND, A. J. *Itália fascista e Alemanha nazista: o estilo fascista de governar*. São Paulo: Madras, 2005.
- DEUTSCH, S. *Las derechas: the extreme right in Argentina, Brazil and Chile, 1890-1939*. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- FABRIS, A. *Futurismo: uma poética da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FALCÓN, F. Fascismo: autoritarismo e totalitarismo. In: SILVA, J. L. W. *O feixe e o prisma- uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 29-43.
- FRANZINELLI, M. *I tentacoli dell'Ovra: agenti, collaboratori e vittime della polizia politica fascista*. Torino: Bollatti Boringhieri, 1999.

- GENTILE, E. Italia Fascista: do partido armado ao estado totalitário. In: GENTILE, E.; DE FELICO, R. *A Itália de Mussolini e a origem do fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988. p. 7-66.
- GENTILE, E. *Storia del partito fascista, 1919-1922: movimento e milizia*. Roma: Laterza, 1989.
- GENTILE, E. Il culto del littorio. La sacralizzazione della politica nell'Italia fascista. Roma: Laterza, 1993.
- GHIRARDO, D. Città fascista: surveillance and spectacle. *Journal of Contemporary History*, London, v. 31, no. 2, p. 347-372, 1996.
- ISNEGHI, M. Al teatro dell'Italia nuova: fascismo e cultura di massa. In: ARGENTIERI M. *Fascismo e antifascismo negli anni della Repubblica*. Milano: Franco Angeli, 1986. p. 134-152.
- KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- LEDEEN, M. Renzo de felice and the controversy over Italian Fascism. *Journal of Contemporary History*, London, v. 11, no. 4, p. 269-283, 1976.
- LEDEEN, M. *International fascism*. New York: Howard Fertig, 1973.
- LYTTELTON, A. *La conquista de potere: Il fascismo dal 1919 al 1929*. Roma: Laterza, 1974.
- MAYER, A. *Dynamics of counterrevolution in Europe, 1870-1956: an analitical framework*. New York: Harper Torchbooks, 1971.
- MILHEL, H. *Os fascismos*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- MUSIEDLAK, D. *Lo Stato fascista e la sua classe politica: 1922-1943*. Bologna: Il Mulino, 2003.
- NATOLI, C. La terza internazionale e il fascismo. Roma: Riuniti, 1982.
- PARIS, R. *As origens do fascismo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PASSERINI, L. *Torino operaia e fascismo: uma storia orale*. Roma: Laterza, 1984.
- PETERSEN, J. L'accordo culturale tra l'Italie e la Germania del 23 novembre 1938. In: BRACHER, K. D. *Fascismo e nazionalsocialismo*. Bologna: Il Mulino, 1986. p. 331-387.
- PETRACCHI, G. Un modelo di diplomazia culturale: l'Istituto Italiano di Cultura per l'Ungheria, 1935-1943. *Storia Contemporânea*, Bologna, v. 26, n. 3, 1995.

- PRETELLI, M. La risposta del fascismo agli stereotipi degli italiani all'estero. *Altreitalie*, Torino, v. 28, p. 48-65, 2004.
- REVELLI, M. *Le due destre*. Milano: Bollati Boringhieri, 1996.
- SCOPPOLA, P. *I cattolici tra fascismo e democrazia*. Bologna: Il Mulino, 1975.
- SILVA, F. C. T. Os fascismos. In: REIS FILHO, D. A. *O Século XX - o tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 109-164.
- TOBIA, B. A Itália fascista: um perfil institucional. In: SILVA, J. L. S. *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991. p. 44-56.
- TANNENBAUM, E. *La experiencia fascista: sociedad y cultura en Italia (1922-1945)*. Madri: Aleanza Editorial, 1975.
- TRANFAGLIA, N. *La prima guerra mondiale e il fascismo*. Torino: UTET, 1995.
- TRENTO, A. *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática, 1986.
- VIVARELLI, R. *Storia delle origini del fascismo: l'Italia dalla grande guerra alla marcia su Roma*. Bologna: Il Mulino, 1991.
- WEBSTER, R. *The Cross and the fasces: Christian democracy and fascism in Italy*. Stanford: Stanford University Press, 1960.